

# A CRISE DA VERDADE NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA DA PÓS-VERDADE

*THE CRISIS OF TRUTH IN CONTEMPORANEITY: A PHILOSOPHICAL ANALYSIS OF POST-TRUTH*

*LA CRISIS DE LA VERDAD EN LA CONTEMPORANEIDAD: UN ANÁLISIS FILOSÓFICO DE LA POSVERDAD*

Cristina Defensor Macedo<sup>1</sup>  
Daiane Martins Batista<sup>2</sup>

## Resumo

A partir do conceito de verdade ao longo da história da filosofia e da ascensão da pós-verdade na contemporaneidade, este trabalho trouxe como tema a discussão da verdade e da pós-verdade e como objetivo uma análise da crise da verdade e de como a pós-verdade se tornou protagonista da sociedade na atualidade. Como justificativa para a construção desse trabalho, foi considerada a análise filosófica, apresentando conceitos como realidade, objetividade, ética e política, foi possível discutir a relação entre a tecnologia, instrumentalização da educação, polarização política, disseminação de informações com enfoque sensacionalista na promoção da pós-verdade e, como problema, a reflexão a qual enfatiza de que maneira a filosofia pode ser usada na construção de um pensamento crítico como instrumento de compreensão e valorização da verdade. A metodologia usada foi a de pesquisa bibliográfica. Por meio dessa análise, foi possível perceber que é intrínseco ao ser humano buscar crenças sólidas e padrões consistentes como âncoras na vida, necessidade essa que proporciona estabilidade emocional e mental e, como resultado, é importante ressaltar que a busca pela verdade e a construção do pensamento crítico são fundamentais para uma compreensão mais substancial da realidade e para a tomada de decisões conscientes e responsáveis, aqui reproduzidos à luz da filosofia. Cabe a cada indivíduo, enquanto sujeito do conhecimento e como sociedade, refletir sobre essas questões e buscar, através do exercício e propagação do pensamento crítico, formas de lidar com a crise da verdade de forma ética e consistente.

**Palavras-chave:** verdade; pós-verdade; pensamento crítico; desinformação; contemporaneidade.

## Abstract

Based on the concept of truth throughout the history of philosophy and the rise of post-truth in contemporary times, this work addresses the discussion of truth and post-truth with the objective of analyzing the crisis of truth and how post-truth has become a protagonist in society today. The justification for the construction of this work considers philosophical analysis, presenting concepts such as reality, objectivity, ethics and politics, which allowed for a discussion of the relationship between technology, the instrumentalization of education, political polarization, and the dissemination of information with a sensationalist focus on the promotion of post-truth. The problem addressed is a reflection on how philosophy can be used in the construction of critical thinking as an instrument for understanding and valuing the truth. The methodology used was bibliographic research. Through this analysis, it was possible to perceive that seeking solid beliefs and consistent patterns as anchors in life is intrinsic to human nature, a need that provides emotional and mental stability. As a result, it is important to emphasize that the pursuit of truth and the construction of critical thinking are fundamental for a more substantial understanding of reality and for making conscious and responsible decisions, as discussed here in the light of philosophy. It is up to

---

<sup>1</sup> Graduada em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada em Redes de Computadores pela Faculdade Pitágoras. Pós-Graduada em Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduanda em Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Mestranda em Educação pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4108142292501137>. E-mail: [crisdefensor@gmail.com](mailto:crisdefensor@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela UNINTER. Especialista em Políticas Educacionais, Metodologia do Ensino Religioso, Formação em EAD e em Metodologias Ativas na Educação. Licenciada em Letras-Português e em Pedagogia. Bacharel em Comunicação Social - Relações Públicas e em Teologia. Professora e Pesquisadora da área de Humanidades do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: [daiane.b@uninter.com](mailto:daiane.b@uninter.com)

everyone, as a subject of knowledge and as a society, to reflect on these issues and, through the exercise and propagation of critical thinking, seek ways to deal with the crisis of truth in an ethical and consistent manner.

**Keywords:** truth; post-truth; critical thinking; disinformation; contemporaneity.

## Resumen

A partir del concepto de verdad a lo largo de la historia de la filosofía y del surgimiento de la posverdad en la contemporaneidad, este trabajo aborda como tema la discusión sobre la verdad y la posverdad y tiene como objetivo analizar la crisis de la verdad y cómo la posverdad se ha convertido en protagonista de la sociedad en la actualidad. Como justificación para la construcción de este trabajo, se consideró el análisis filosófico, presentando conceptos como realidad, objetividad, ética y política, lo que permitió discutir la relación entre la tecnología, la instrumentalización de la educación, la polarización política y la difusión de información con un enfoque sensacionalista en la promoción de la posverdad. El problema central es reflexionar sobre cómo la filosofía puede ser utilizada en la construcción de un pensamiento crítico como instrumento para comprender y valorar la verdad. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica. A través de este análisis se pudo observar que es intrínseco al ser humano buscar creencias sólidas y patrones consistentes como anclas en la vida, una necesidad que proporciona estabilidad emocional y mental. Como resultado, es importante destacar que la búsqueda de la verdad y la construcción del pensamiento crítico son fundamentales para una comprensión más sustancial de la realidad y para la toma de decisiones conscientes y responsables, aquí presentadas a la luz de la filosofía. Corresponde a cada individuo, como sujeto del conocimiento y como sociedad, reflexionar sobre estas cuestiones y buscar, a través del ejercicio y la promoción del pensamiento crítico, formas éticas y consistentes de lidiar con la crisis de la verdad.

**Palabras clave:** verdad; posverdad; pensamiento crítico; desinformación; contemporaneidad.

## 1 Introdução

A interação entre as pessoas na era da informação digital e da multiplicidade de fontes de circulação de todos os tipos de saberes problematizaram a noção de verdade na pós-modernidade, tornando-a um terreno frágil e, por vezes, volátil. A contemporaneidade testemunha hoje a ascensão da pós-verdade enquanto elemento agregador de formadores de opiniões enviesadas, bem como um fenômeno cultural complexo, que aponta como a desinformação se estrutura, tem um *modus operandi* próprio e circula livremente por todos os espaços, sejam eles virtuais ou acadêmicos.

Fundamentados por interesses políticos, econômicos e até religiosos, diferentes meios de comunicação em massa mantêm notícias e informações em circulação, cedendo espaço a narrativas construídas com bases em crenças, agendas políticas, emoções e interesses pessoais, comprometendo a veracidade dos fatos e a busca pela sua objetividade. Face a essas circunstâncias, a crise da verdade na contemporaneidade remete-se a um fenômeno complexo em que a noção de verdade está sendo manipulada sem precedentes, abrangendo não só a mídia, mas a ciência, a política, a própria sociedade e as interações interpessoais.

A partir da conceituação apresentada acima, este artigo pretende apresentar a discussão da verdade e da pós-verdade, tendo como objetivo uma análise da crise da verdade e como a pós-verdade se tornou protagonista da sociedade na atualidade. Como justificativa para a

construção desse trabalho, foi considerada a análise filosófica, apresentando conceitos como realidade, objetividade, ética e política, sendo possível discutir a relação entre a tecnologia, instrumentalização da educação, polarização política, disseminação de informações com enfoque sensacionalista na promoção da pós-verdade e, como problema, a reflexão que enfatiza de que maneira a filosofia pode ser usada na construção de um pensamento crítico como instrumento de compreensão e valorização da verdade.

A metodologia usada foi a de pesquisa bibliográfica, considerando para a fundamentação teórica do texto os pensadores Giovanni Reale e Dante Antiseri, Bell Hooks e Danilo Marcondes. Além destes, destacam-se as ideias dos filósofos Platão, René Descartes, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Marilena Chaui, Bruno Latour e os psicólogos Jean Piaget e Steven Pinker.

Por meio dessa análise, foi possível perceber que é intrínseco ao ser humano buscar crenças sólidas e padrões consistentes como âncoras na vida, necessidade essa que proporciona estabilidade emocional e mental e, como resultado, é importante ressaltar que a busca pela verdade e a construção do pensamento crítico são fundamentais para uma compreensão mais substancial da realidade e para a tomada de decisões conscientes e responsáveis, aqui reproduzidos à luz da filosofia. Cabe então, a cada indivíduo, enquanto sujeito do conhecimento e como sociedade, refletir sobre essas questões e buscar, com o exercício e a propagação do pensamento crítico, formas de lidar com a crise da verdade de forma ética e consistente.

O artigo foi organizado iniciando com uma conceituação do termo verdade ao longo da história da filosofia, destacando os principais filósofos e pensadores que lidaram com o tema. A seguir, foi analisada a crise da verdade e a ascensão da pós-verdade na contemporaneidade e, por fim, apresenta-se a filosofia como instrumento de valorização da verdade, celebrando o pensamento crítico e a reflexão meditativa como forma de levar o homem a repensar seus próprios discursos e sua posição no mundo.

## **2 Metodologia**

A pesquisa para fins acadêmicos envolve a aplicação sistemática e prática de métodos objetivos pelo pesquisador, no intuito de desenvolver o assunto proposto e dele extrair conhecimento novo que, posteriormente, é incorporado à gama de conhecimentos já existentes sobre aquele tema. Para este fim, o presente artigo foi desenvolvido através da pesquisa bibliográfica que, segundo Mattar e Ramos (2021, p. 184), "pode ser considerada um tipo

específico de pesquisa documental, que envolve especialmente documentos como artigos científicos, dissertações, teses, capítulos e livros”.

Inicialmente, para tratar do conceito de “verdade”, tentou-se buscar na literatura pertinente construções textuais que elucidassem os significados das referidas palavras e os contextos nos quais elas estiveram presentes ao longo da história da filosofia, recorrendo, dentre os materiais pesquisados, a dicionários de filosofia de Nicola Abbagnano — filósofo italiano referência neste material — e Danilo Marcondes e Hilton Japiassú, além de importantes filósofos como Platão, René Descartes, Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche que, ao longo da cronologia temporal, fizeram importantes contribuições na contextualização da verdade ao longo da cronologia temporal.

Os pensadores Giovanni Reale, Dante Antiseri, Danilo Marcondes e Marilena Chauí foram referenciados para ilustrar informações de cunho histórico, epistemológico e etimológico da palavra verdade, pois estes possuem um vasto material acerca da história da filosofia e de conceitos filosóficos pertinentes a esta pesquisa. Para tratar da crise da verdade e ascensão da pós-verdade, foram citados os autores Michel Foucault e Bruno Latour — este último considerado o “pai” da pós-verdade. Juntos, estes filósofos puderam imprimir suas contribuições sobre a subjetividade da sociedade enquanto crítica da verdade baseada em crenças limitantes. Para acrescentar um elemento objetivo ou biológico ao pensamento humano face ao tema, os psicólogos Jean Piaget e Steven Pinker foram importantes no tocante ao desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Por fim, para apresentar os resultados da pesquisa bibliográfica e sugerir possíveis caminhos para o indivíduo exercer um pensamento crítico contundente, foram citados o filósofo Sócrates, e a autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense Bell Hooks, que tem um trabalho mundialmente reconhecido sobre o conceito e o exercício do pensamento crítico.

### **3 O conceito de verdade ao longo da história da filosofia**

Quando, na Idade Moderna (1453-1789), a religião perdeu a força do imperativo das verdades até então ditas por ela como universais, cedendo, a contragosto, seu lugar cativo ao conhecimento científico, crenças e afins perderam terreno na sociedade. As ciências não só produziram cada vez mais, mas também influenciaram progressivamente ações e decisões em todos os âmbitos da sociedade. Uma crise na fé, principalmente cristã, colocou em xeque

verdades até então indiscutíveis, pois estas eram por vezes dadas como dogmas que, se não aceitos, eram impostos. Mas afinal, o que é a verdade?

A princípio, a verdade pode ser um paradoxo, pois ao se definir seu conceito, pressupõe-se que esta afirmação seja verdadeira. No entanto, de acordo com os filósofos René Descartes e Immanuel Kant, a verdade enquanto palavra tem uma definição precisa. A palavra verdade pode ser considerada como a concordância entre o pensamento e a realidade buscada a título de conhecimento ou expressão verbal. Segundo Japiassú e Marcondes (2021, p. 276)

classicamente, a verdade se define como adequação do intelecto ao real. Pode-se dizer, portanto, que a verdade é uma propriedade dos juízos, que podem ser verdadeiros ou falsos, dependendo da correspondência entre o que afirmam ou negam e a realidade de que falam.

Para Abbagnano (2012, p. 1182), verdade é

validade ou eficácia de procedimentos cognitivos. Em geral, entende-se por verdade a qualidade em virtude da qual um procedimento cognitivo qualquer se torna eficaz ou obtém êxito. Essa caracterização pode ser aplicada tanto às concepções do conhecimento como processo mental quanto às que o consideram um processo linguístico ou signico.

Chauí (2014, p. 122) afirma que a ideia da verdade foi construída ao longo dos séculos baseada em três concepções diferentes, provenientes das línguas grega, latina e hebraica. Verdade em grego se diz *aletheia*, que significa o “não escondido”, “não esquecido”, isto é, a verdade é aquilo que se mostra aos olhos do corpo e do espírito. Chauí ainda destaca que “a verdade é a manifestação daquilo que é realmente ou do que existe realmente tal como se manifesta ou se mostra” (Chauí, 2014, p. 122). O conceito de verdade, então, está nas coisas, não no próprio pensamento. Portanto, segundo a filósofa, no conceito grego, a verdade é o ser, aquilo que é, e o falso é algo que aparenta ser e não é.

No latim, verdade que dizer *veritas*, ou precisão, rigor, exatidão; algo que é descrito com riqueza de detalhes e fidelidade ao que realmente aconteceu. Diferente do grego, no latim a verdade não está nas coisas, mas sim na linguagem. Assim, a verdade é o relato fiel do acontecimento e seu oposto é a mentira ou falsificação. Já em hebraico, verdade se diz *emunah* e quer dizer confiança. A ideia de verdade é pensada considerando verdadeiros os homens e Deus, aqueles que “cumprem o que prometem, são fiéis à palavra dada ou a um pacto feito; enfim, não traem a confiança” (Chauí, 2014, p. 122). A depender de qual das três ideias de verdade se tome como referência, há diferentes concepções filosóficas sobre sua natureza.

Quando se pensa a verdade sob o prisma grego *aletheia*, considera-se que a verdade está nas próprias coisas e a marca do conhecimento verdadeiro é a evidência. Aqui, revela-se a teoria da verdade como correspondência, que é vista como uma teoria ontológica, ou seja, é uma descrição das coisas existentes que constituem a realidade em seu aspecto mais fundamental. Nesse contexto, o critério da verdade é adequar o intelecto à coisa ou a coisa ao intelecto. As coisas não são em si nem verdadeiras, nem falsas, elas simplesmente são. O que será verdadeiro ou falso será o discurso sobre as coisas. A verdade, então, não está nas coisas, mas sim, nas formas como os homens se pronunciam sobre ela. Pressuposto por muitas escolas pré-socráticas, o primeiro a formular esta teoria explicitamente foi Platão (Abbagnano, 2012).

Pela ótica do latim, *veritas*, o rigor e a precisão na criação e uso das regras de linguagem predominam no conceito da verdade. Ao contrário da teoria da verdade como correspondência, aqui algo é verdade não porque corresponde a uma realidade externa, mas sim, o contrário, uma coisa corresponde à realidade externa porque é verdadeira. Aqui, o critério da verdade é pela coerência, teoria a qual uma crença é verdadeira se, e somente se, é parte de um sistema coerente de crenças. Nela, a verdade segue a validade lógica de seus argumentos, e não a evidência, como tratada na teoria da verdade como correspondência (Chauí, 2014). A verdade, então, é uma questão de como as crenças se relacionam umas com as outras e parecem ter seu campo de aplicação mais apropriado à matemática.

Segundo Abbagnano (2012, p. 1185), “a noção de verdade como coerência aparece no movimento idealista inglês da segunda metade do século XIX e é compartilhada por todos os que participaram desse movimento na Inglaterra e nos Estados Unidos”. Nomes importantes da filosofia como Bernard Bosanquet (1848-1923), Francis Herbert Bradley (1846-1924) e Baruch Espinosa (1632-1677) refletem esse pensamento. Por fim, quando predomina o hebraico, *emunah*, a verdade depende da confiança entre os atores que definem um consenso entre eles. Japiassú e Marcondes (2021, p. 276) dizem que

segundo a teoria consensual, a verdade não se estabelece a partir da correspondência entre o juízo e o real, mas resulta, antes do consenso ou do acordo entre os indivíduos de uma determinada comunidade ou cultura quanto ao que consideram aceitável ou justificável em sua maneira de encarar o real.

*Emunah* é uma palavra com a mesma raiz de *amém*, que significa “assim seja”. A verdade sob esse prisma é, portanto, uma crença fundada na esperança e o meio mais elevado para alcançá-la é a revelação divina. Ainda há uma quarta vertente de teoria da verdade, diferente das demais, pois considera a verdade a partir de seus resultados, sua aplicação prática e verificação empírica, a saber, a teoria pragmática da verdade. John Dewey, William James e

Charles Sanders Peirce, pragmatistas americanos, consideram a verdade como um valor e fazem uso dessa palavra com sentido de utilidade, relação esta que se estendeu por toda a esfera do conhecimento.

Na Antiguidade, Platão foi o filósofo que mais cuidou da verdade enquanto questão filosófica quando, em sua teoria das ideias, abordou a existência de uma realidade abstrata dentro de uma realidade material. Isto é, havia dois mundos: o inteligível, abrigo da realidade, e o sensível, mera cópia do mundo inteligível. Para o filósofo, o conhecimento era um fim em si mesmo, *a priori*, que não depende da experiência, e a verdade, uma força eterna, capaz de se salvar (Mello, 2020).

Platão entende a verdade como contemplação. Em *A República*, quando o filósofo narra o mito da caverna, é possível perceber três estágios principais no decurso da narrativa: a prisão, a libertação e a contemplação. A intenção de Platão é mostrar, de forma simbólica, como os homens estão fechados para a verdade e, quando o prisioneiro se liberta, é a educação para a filosofia que o permite conhecer as coisas tal como elas são, processo este lento, complexo e difícil, mas possível. Na Idade Média, Agostinho (354-430), maior representante da Patrística<sup>3</sup>, faz uma releitura de Platão rejeitando algumas de suas ideias, e refletindo a verdade como uma revelação divina, alicerçada na fé cristã. Reale e Antiseri (2004, p. 86) ressaltam que, para Agostinho:

O conhecer tende a verdade e a verdade se identifica com Deus; a consequência é que a maior parte das demonstrações agostinianas da existência de Deus são demonstrações da existência da verdade. [...] Agostinho, todavia, não aceita *in toto* a gnosiológia platônica, mas recusa sua teoria das reminiscências, substituindo-a com a da iluminação: Deus, como na criação nos torna participantes do ser, também nos torna participantes da verdade, sendo ele próprio a fonte da verdade.

Assim, segundo Agostinho, a verdade só é acessível ao homem quando estes são iluminados por Deus. No início da Idade Moderna a Igreja católica, cujo poder era em razão da disseminação da religião e alianças políticas importantes com grandes reinos, foi enfraquecendo com o surgimento do Renascimento e a Reforma Protestante, que, questionando os saberes da Igreja, promoveram uma nova forma de pensamento acerca do conhecimento, revalorizando o mundo greco-romano antigo. O homem passou a ser o centro do cosmos, visão que originou o conceito de antropocentrismo, definindo então a separação da filosofia e da religião. Dúvidas

---

<sup>3</sup> Corrente da filosofia inspirada nas escrituras bíblicas das Epístolas de São Paulo e no Evangelho de São João, cuja característica principal era a expansão do cristianismo pela Europa e o combate aos hereges e aos pagãos através da defesa da fé.

sobre os métodos e critérios acerca da obtenção do conhecimento deram origem a novas óticas do saber, conhecidas como racionalismo e empirismo.

Descartes (2008), um dos principais nomes deste período, coloca em xeque tudo o que o homem até então aprendia pelos sentidos pois, segundo ele, os sentidos nos enganam e, estabelecendo em seu *Discurso do método*, através do uso da razão, a dúvida metódica, ou seja, duvidando de tudo aquilo que se vê, toca, ouve, degusta ou cheira, e seguindo um protocolo de evidência, análise, síntese e didática, o homem seria conduzido até a verdade.

Já Immanuel Kant, também um dos expoentes da filosofia moderna, entende a verdade como “concordância do conhecimento com o objeto” (Kant, 1992, p. 67), isto é, um conhecimento verdadeiro é aquele que concorda com o seu objeto e a verdade é essa concordância. Ele ainda ressalta que saber sobre a verdade provém do critério da verdade. “Que é a verdade? [...] A definição do vocábulo verdade, como sendo a conformidade do conhecimento ao objeto, já está admitida e suposta nesta obra; mas o que se deseja conhecer é o critério geral e certo de todo conhecimento” (Kant, 2001, p. 61-62). Para Kant, o conceito de verdade está intimamente ligado à sua epistemologia e teoria do conhecimento, tendo desenvolvido sua perspectiva no contexto no idealismo transcendental. Segundo o filósofo:

se a verdade consiste na conformidade de um conhecimento com seu objeto, este objeto deve, por isso mesmo, ser distinguido de todos os outros; pois um conhecimento é falso se não concorda com o objeto a que se relaciona, por mais que de outro modo contenha algo que possa servir para outros objetos. Assim, um critério geral da verdade valeria, sem distinção de seus objetos, para todos os conhecimentos (Kant, 2001, p. 62).

A verdade então, para Kant, não segue a teoria da verdade como correspondência, mas sim, está ligada à coerência lógica e à conformidade com as categorias e formas a priori do entendimento humano. No século XIX, início da Idade Contemporânea, a ideia de uma verdade objetiva e absoluta é questionada. Nietzsche (2007) compreende que o homem tende a buscar uma verdade fixa e universal, verdade essa que, com frequência, é moldada pelas perspectivas individuais e pessoais e pelos valores culturais.

Surge nesse período o pluralismo da verdade, que sugere que diferentes contextos podem ter diferentes critérios de verdade. A verdade não é uma e nem muitas, o que leva a uma compreensão mais flexível e a teorias semânticas e epistêmicas, proposta por filósofos analíticos, que exploram questões que relacionam a verdade às suas estruturas de linguagem e do conhecimento. A verdade então pode variar conforme o contexto no qual ela está inserida, seja ele cultural, histórico ou linguístico.

#### 4 A crise da verdade e a ascensão da pós-verdade na contemporaneidade

O século XIX marca não só a ascensão e estabelecimento do liberalismo, mas também o triunfo do cientificismo. Movimento do pensamento que dominou grande parte da cultura europeia, o positivismo (final do século XIX), influenciado pela Revolução Industrial (final do século XVIII), a Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789 a 1799) modificou a política, a educação, a história e as artes. Segundo Engelmann, Engelmann e Corrêa (2015, p. 92), o positivismo

se apresentou como a doutrina da prática capaz de contribuir para a efetivação do modelo de construção do conhecimento pela via da lógica das ciências exatas naturais, por meio do formalismo, da experimentação, da mensuração e da crítica à representação metafísica.

No positivismo (Reale; Antiseri, 2004, p. 287), a ciência é exaltada como única autoridade epistêmica, isto é, o único meio em condições de resolver todos os problemas humanos e sociais que até então assombravam a sociedade. Para se chegar à verdade, era preciso não só raciocinar, mas também experimentar. A evolução da sociedade nesse contexto durante e pós-Revolução Industrial mudou de forma profunda o modo de se viver e de se pensar.

A transição da produção artesanal e agrícola para a produção industrial em larga escala trouxe consigo a ideia de um progresso sem precedentes pois, a partir de então, se estaria de posse de instrumentos que em tese resolveriam todos os problemas, calcados na ciência, nas suas aplicações na indústria e mais tarde na educação. A educação, crucial para o desenvolvimento do potencial do indivíduo e a socialização entre as pessoas, aliada à disseminação da tecnologia em todos os setores da economia, da política e da sociedade, ajudou e ainda ajuda a produzir e moldar trabalhadores para alimentar o sistema.

Ao longo das décadas, a instrumentalização do ensino abandonou o ideal da *paideia*<sup>4</sup>, e junto à deficiência da construção do pensamento crítico, a recente polarização da política e a debilidade pela busca pela verdade gradativamente foram dando lugar à noção de uma relativização do conceito do que é verdadeiro, não a partir do que de fato é a verdade, mas sim de convicções que o homem atribuiu segundo seu sistema de crenças. A verdade entrou em crise e, nesse contexto em que o relativismo da verdade é disfarçado de ceticismo legítimo, nasce a pós-verdade.

---

<sup>4</sup> Por *paideia*, palavra grega cuja origem etimológica é *pais*, *paidós*, respectivamente “criança” e “crianças”, segundo Cambi (1999), entende-se “a formação de uma humanidade ‘superior’ nutrida de cultura e civilização, que atribui ao homem identidade cultural e histórica”. Atualmente essa formação implica a apropriação da cultura e sua produção.

O termo pós-verdade foi empregado pela primeira vez em 1992 pelo romancista sérvio-americano Steve Tesich na revista *The Nation*, considerando-a como uma tendência social em que a verdade não era tão importante em relação ao que parecia ser verdadeiro. Refletindo sobre a Guerra do Golfo Pérsico (1990-1991), Tesich lamentou que “nós, como um povo livre, decidimos livremente que queremos viver em um mundo pós-verdade”. Segundo Rangel (2021, p. 13)

a pós-verdade pode ser pensada como um comportamento epistemológico com base no qual não há qualquer responsabilidade em relação ao que é dito, e nem um esforço de distanciamento, e, por conseguinte, de alguma diferenciação entre os desejos menos tematizados de quem pensa e se expressa e os enunciados que constitui, ou ainda, não há qualquer exercício de objetividade.

Considerada a palavra do ano em 2016 pelo Dicionário Oxford, a pós-verdade enquanto conceito surgiu na emergência de explicar os acontecimentos do mundo naquele momento, no qual Donald Trump usou de uma estratégia nada convencional para se eleger presidente dos Estados Unidos. Sua política não baseada em fatos, mas que, apesar disso, foi percebida como verdadeira, depositou uma confiança na população não em uma falsa visão de mundo, mas sim em reforçar certos preconceitos e despertar sentimentos, ignorando a realidade, não falsificando-a ou contestando-a, mas a colocando em um plano secundário. Na iminência de se apegar a um referencial no qual o indivíduo se sente confortável e se identifica, dados os seus preceitos de vida, ações como essas, por vezes, conquistam seres humanos como ávidos seguidores.

Desse modo, o Dicionário de Oxford (2016) descreveu o conceito de pós-verdade como “um adjetivo definido relativo a, ou que denota circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que o apelo à emoção e à crença pessoal.” A pós-verdade então, não é uma mentira, mas um processo que transformou a sociedade contemporânea cuja mola propulsora não está fundamentada essencialmente em fatos ou evidências científicas, mas sim em como convencer quem recebe a informação.

Na década de 1990, o filósofo francês Latour (2018), considerado na atualidade como o filósofo da pós-verdade, afirmou que a ciência estava sustentada em uma frágil fundação, pois era esperado pelos cientistas que a sociedade aceitasse voluntariamente as evidências científicas. Embora Latour defenda que a ciência não seja racional e ele seja criticado por muitos como relativista, quando se trata de pós-verdade, sua contribuição é deveras instigante. Segundo o filósofo, a ciência é um trabalho de ser convencido e de convencer o outro, porém, com verdades que não falam por si só, mas que são observadas, documentadas e defendidas,

mas, por serem as verdades científicas fruto do trabalho humano, na contemporaneidade o sujeito do conhecimento é posto em dúvida, algo conhecido atualmente como *populismo científico*.

Termo citado pela primeira vez por Helmut Hirsch e Helga Nowotny em 1977, o *populismo científico* refere-se a contestar o conhecimento científico e as instituições científicas movido por sentimentos de desconfiança sobre os profissionais envolvidos nas pesquisas científicas. Ora, se o produtor da ciência é um ser humano e o ser humano é passível de erros, por que não o questionar? Desconsiderar, nesse contexto, o rigor do estudo científico e as comprovações feitas por métodos estabelecidos pela ciência pode levar o interlocutor a um caminho arenoso, no qual a ciência é confundida com mera opinião e, quando há espaço e veículos acessíveis à propagação de tal ideia, qualquer pessoa pode publicar coisas a esmo, induzindo seus pares a erros epistêmicos. Segundo Sargentini e Carvalho (2021, p. 73)

A difusão da internet nos anos 1990 parecia anunciar uma era de liberdade de expressão sem precedente na história da humanidade. Os sujeitos conectados, livres dos filtros e das conduções ideológicas da chamada mídia de massa, poderiam, enfim, não só selecionar os conteúdos do seu interesse, como também produzir e compartilhar esses conteúdos em texto escrito, em vídeo ou em áudio. Ainda que essa promessa tenha sido cumprida em parte, o contexto contemporâneo das chamadas redes sociais revelou sua face obscura, que colocou em xeque a visão otimista da ordem do discurso digital: da comercialização dos dados pessoais aos algoritmos curadores que escrutinam nosso hábito para direcionar informações, sem esquecer a dificuldade de reconhecer se nossas interações se dão com pessoas ou robôs, são variados e complexos os motivos de nossa desconfiança e insegurança.

A explosão exponencial de conteúdos nas redes sociais e mídias digitais transformou esse espectro em um ambiente propício para a disseminação de todo tipo de informação, seja ela verdadeira, pós-verdade ou *fake news*<sup>5</sup>. Sendo as redes sociais corporações de capital aberto, cujos proprietários determinam as ações conforme seus próprios interesses, o compromisso com a informação de qualidade e a veracidade do que é transmitido pode ficar comprometido ou enviesado.

Um dos instrumentos computacionais usados na execução de tarefas sistemáticas para otimização de produto e solução de problemas são os algoritmos<sup>6</sup>. Estes, aplicados nas redes sociais, são capazes de saber do que o usuário gosta e o que ele pretende ao usar os serviços,

---

<sup>5</sup> Diferente da pós-verdade, as *fake news* são notícias inverídicas havendo por parte de quem a gera uma má intenção em propagá-las, estando o interlocutor ciente de que não são notícias verdadeiras. Já na pós-verdade, muitas vezes quem lê a informação e se identifica com ela, baseado em suas próprias crenças, a difunde nem sempre tendo a convicção de que é uma notícia falsa e o faz de modo não proposital.

<sup>6</sup> Um algoritmo é um conjunto de etapas para executar uma tarefa, ou seja, é um conjunto bem definido e organizado de passos ou instruções que descrevem como resolver um problema ou realizar uma tarefa específica de maneira organizada e eficiente, escrito em linguagem computacional e aplicado em ambientes virtuais.

porém, o que se vê atualmente é o uso de tal recurso para se decidir deliberadamente o que o usuário verá, baseado em objetivos não definidos pelo próprio usuário, mas sim por quem administra essas plataformas.

O'Neil (2021, p. 14) chama essa forma de trabalhar de "algoritmos de destruição em massa". Segundo a autora, modelos matemáticos mal concebidos e com interesses escusos micro gerenciam a economia, a política, a publicidade, órgãos públicos e privados e podem causar exclusão social, desemprego, situações de preconceito, dentre outros. A governança do mundo digital está sendo feita não só por governos, mas também por empresas, que podem usar os dados colhidos para fins totalitários e de colonialismo digital<sup>7</sup>.

Foucault (1996), cuja verdade é um dos temas centrais de suas obras, acredita que a concepção da verdade e os métodos para alcançá-la não são uniformes em todas as épocas e áreas. Ela é moldada pelas estruturas sociais, históricas e culturais em que está inserida e as relações de poder estão intrinsecamente ligadas a essa visão de mundo, uma vez que o que é reconhecido como verdade está ligado às agendas políticas, aos interesses de poder e às estruturas de conhecimento em um contexto específico de tempo e espaço. Essa vontade de verdade, segundo o filósofo, “tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e um certo poder de constrangimento” (Foucault, 1996, p. 33).

Face a isso, pode-se perceber como o poder emanado de instituições públicas e privadas, aliados ao reforço contínuo de um sistema de crenças no indivíduo, podem manipular informações a fim de engajamento baseada em opiniões pessoais sem comprovação científica e inundar as redes sociais que, junto às mídias digitais jornalísticas por vezes também enviesadas, influenciadas por interesses políticos e econômicos, contribuem ativamente para que a pós-verdade depois de instalada, permaneça sem data para sua extinção.

Para além da visão subjetivista e social de Foucault sobre a verdade, Jean Piaget (1896-1980), biólogo e psicólogo suíço, a partir do estudo do desenvolvimento humano, afirma que todos os seres humanos passam pelas mesmas fases de organização mental, porém, o início e o fim de cada uma dessas fases é algo particular para o indivíduo e isso acontece devido às características de sua estrutura biológica e dos estímulos do meio ambiente aos quais ele está exposto.

Steven Pinker, psicólogo e linguista, um dos mais respeitados nomes da ciência cognitiva na atualidade, em seu livro *Tábula rasa* (2004), em uma crítica a John Locke, recorre à teoria de Kant, entre outros pensadores, para defender a ideia de que as pessoas nascem com

---

<sup>7</sup> Colonialismo digital é a utilização da tecnologia digital como meio de exercer controle político, econômico e social sobre outra nação ou território.

um arcabouço de informações genéticas que, junto às influências da cultura e sociedade as quais o indivíduo está presente, direcionam o seu desenvolvimento.

Ambos os estudiosos mostram, por meio de pesquisas científicas, que o ser humano tende a organizar seu pensamento e a construir suas crenças e seus valores morais com a interação biologia-meio-ambiente e que, a depender de qual espaço está este indivíduo, seus sistemas de crenças podem ser reforçados a tal ponto que pós-verdades, *fake news* e a desinformação são vistas como algo inerente ao seu modo de conduzir a própria vida.

Ao receber novas informações que vão contra as crenças da pessoa, estas geram um desconforto e provocam na mente uma defesa através da lógica para se proteger, o que sugere então ao indivíduo continuar com o pensamento já familiarizado em sua rotina muitas vezes negando a realidade, o que é denominado *dissonância cognitiva*<sup>8</sup>. O simples fato na contemporaneidade de se insistir estar sempre certo em um debate, ou vencê-lo, tem estado acima da busca pela verdade e da aceitação da realidade, o que reforça comportamentos hostis e a presença da pós-verdade como universal, principalmente nos meios digitais. Haverá em um futuro próximo uma possível solução para desconstruir essa maneira de pensar e viver?

## 5 A filosofia como instrumento de valorização da verdade

Embora a filosofia conceitue, delimite, convalide a ciência e analise sua ética, ainda há quem diga que a filosofia não sabe mais conceituar a verdade. Já dizia Aristóteles que a filosofia não serve a nada e nem a ninguém, mas por meio dela é possível voltar o pensamento à reflexão profunda e buscar — ou ao menos tentar buscar — a compreensão acerca de si e do mundo que outras áreas do saber ainda estão longe de perpetuar.

“Sócrates assume para si a máxima gravada no frontal do templo de Delfos: ‘Conhece-te a ti mesmo’. Com efeito, o conhecimento de sua própria ignorância é necessário a toda busca pela verdade” (Grissaulti, 2012, p. 23). Embora a célebre frase seja com frequência associada à busca tão somente pelo autoconhecimento, Sócrates assumiu uma postura ativa ao questionar e criticar seus pares em praça pública, uma vez que já em sua época o homem se deixava seduzir pelas opiniões alheias pois se apegavam aos seus próprios julgamentos e à identificação de discursos que condiziam com sua rotina de pensamento.

---

<sup>8</sup> Termo usado pelo psicólogo Leon Festinger (1819-1989) em 1957, reflete um mal-estar provocado por um conflito entre o que a pessoa pensa e o que ela sente e faz, levando-a a uma solução para tal. Segundo o psicólogo, esta é a melhor maneira de o indivíduo provocar uma mudança em seu comportamento e pensamento arraigados em si de longa data, porém, ao mesmo tempo, pode ser usada para perpetuar aquele pensamento e levar a pessoa ao bem-estar novamente.

Needlman em *O coração da filosofia* (1991, p. 16) diz que “nossa cultura geralmente resolve seus problemas sem viver suas perguntas”. Sócrates viveu as perguntas de seu tempo e, amparada nelas, construiu não só um pensamento crítico, capaz de instigar os que o cercavam a pensar mais profundamente a respeito do que diziam, mas sobretudo, a ansiar pelo conhecimento, mesmo que para isso provocasse o abalo de uma sociedade presa a dogmas e a sofismas.

Resolver problemas está no cerne da humanidade. Mas será o homem contemporâneo capaz de reviver as perguntas do passado e viver suas perguntas atuais de tal forma que seu discurso condiga com a verdade? “Para Platão e Sócrates, o *logos*, a palavra, deve ser vetor de saber, não de dominação” (Grissaulti, 2012, p. 23). O método socrático é um dos melhores exercícios filosóficos no combate ao dogmatismo e às manipulações sociais da contemporaneidade, pois assume um compromisso ético em quem deseja promover o diálogo, alimenta e exercita as próprias reflexões e pede humildade e coragem em fazê-lo.

Pensar é uma ação. Para todas as pessoas que pretendem ser intelectuais, pensamentos são laboratórios aonde se vai para formular perguntas e encontrar respostas, o lugar onde se unem visões de teoria e prática. O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber – por compreender o funcionamento da vida. (Hooks, 2020, p. 31).

O pensamento crítico é então um processo ativo e, por vezes, doloroso. Amadurecer as habilidades para tal só vem com a prática ao longo do tempo. O cuidado e a prudência exigem um propósito, uma lucidez e uma ação minuciosa para não se tornar simples reflexo da emoção humana. Seu objetivo não é somente para conhecer se uma afirmação é ou não verdadeira, mas sim, para se decidir que ação tomar.

Pensar criticamente inclui questionar informações, conclusões, discernir entre o que são fatos, sua interpretação à luz da opinião de outrem e seus pontos de vista, quem são os interlocutores e identificar seus objetivos da propagação pública do discurso. Kant, em *Resposta à pergunta: que é esclarecimento?* (2012, p. 63) afirma que

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem.

Segundo o filósofo, o ser humano é manipulável pois se deixa levar pelo pensamento do outro, não rege a própria vida e ele não faz isso por medo — seja da violência, da punição religiosa, da política, entre outros — mas tão somente pela preguiça e pela covardia. “É tão

cômodo ser menor” (Kant, 2012, p. 64), mas exercitando o pensamento crítico, vivendo e vivenciando as próprias perguntas e as perguntas que a sociedade se faz, após as primeiras quedas, o andar é muito mais prazeroso, embora ainda árduo.

“Para este esclarecimento [*Aufklärung*], porém, nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões” (Kant, 2012, p. 65). Tal como o prisioneiro de *O mito da caverna* (Platão, 2021) conseguiu se libertar de suas correntes e, com muita dificuldade, buscar a saída da caverna, o homem contemporâneo deve exercitar seu pensamento crítico para libertar-se e ir em busca da verdade através do conhecimento dos fatos.

Filosofar é compreender o mundo e compreender a si mesmo; é o exercício da reflexão crítica que busca o entendimento dos princípios fundamentais da existência, da realidade, da moralidade, do conhecimento, da lógica e da ética. Por meio da Filosofia, o homem é instigado a descobrir o sentido da própria vida, o propósito da existência humana, a busca pela verdade, a valorização da curiosidade, a abertura ao diálogo e ao respeito pelas ideias alheias. Filosofar é ser convidado ao autoconhecimento; a examinar a própria identidade, a repensar quem se é e qual seu lugar no mundo. A Filosofia é a mãe de todas as ciências. Por ela, tudo se criou e nela o homem se compadece.

Arriscar-se a ouvir um discurso fora de seus sistemas de crenças e dar a ele o benefício da dúvida abre portas para um novo olhar sobre o mundo e sobre si mesmo. Celebrar o pensamento crítico e a reflexão meditativa leva o homem a repensar seus próprios discursos e sua posição no mundo. *Sapere aude!*

## **6 Considerações finais**

Neste trabalho, objetivou-se descrever e compreender os sentidos e os significados do conceito de verdade ao longo da história da filosofia e, a partir da análise filosófica da pós-verdade e da crise da verdade na contemporaneidade, analisar que este é um momento em que a desinformação e a relativização da verdade são cada vez mais presentes na sociedade.

Como metodologia de análise, foi utilizada a pesquisa bibliográfica enfatizando filósofos, cientistas e pensadores que trataram do tema e de temas correlatos, os quais por meio do exercício da lógica e do pensamento crítico, bem como de pesquisas científicas que corroboram suas teorias, conseguiram exprimir um pensamento contundente acerca do tema proposto. É intrínseco ao ser humano buscar crenças sólidas e padrões consistentes como âncoras na vida. Essa necessidade proporciona estabilidade emocional e mental. No entanto, é

importante ressaltar que a busca pela verdade e a construção do pensamento crítico são fundamentais para uma compreensão mais substancial da realidade e para a tomada de decisões conscientes e responsáveis.

Cabe a cada indivíduo, enquanto sujeito do conhecimento e como sociedade, refletir sobre essas questões e buscar, por meio do exercício e propagação do pensamento crítico, formas de lidar com a crise da verdade de forma ética e consistente.

## Referências

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia** – Vol. 1, 2, 3, 4 e 5. São Paulo: Paulus, 2004.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 2008.

ENGELMANN, A.; ENGELMANN, D. A.; CORRÊA, M. E. L. **História da Filosofia no Brasil**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GRISSAULT, K. **50 autores-chave de filosofia...e seus textos incontornáveis**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

KANT, I. **Lógica de Immanuel Kant**. Um Manual para Preleções. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Acrópolis, 2001. *E-book*.

KANT, I. Que é o "Esclarecimento"? [Aufklärung]. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LATOUR, B. **Down to Earth**: Politics in the New Climatic Regime. Cambridge: Editora Polity Press, 2018.

MARCONDES, D.; JAPIASSÚ, H. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2021.

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Grupo Almedina, 2021.

MELLO, M. R. G. **Inter-relações entre Ciência da Informação e Filosofia da Ciência: reflexões histórico-epistemológicas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências, 2020.

NEEDLMAN, J. **O coração da filosofia**. São Paulo: Palas Athena, 1991.

NIETZSCHE, F. W. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Hedra, 2007.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2021.

OXFORD LANGUAGES. Palavra do ano 2016. [S.l.]: **Oxford University Press**, [2016].

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Princípios, 2021.

PINKER, S. **Tabula rasa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RANGEL, M. M. Ensino de História: temporalidade, pós-verdade e verdade poética. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, p. 01-27, 2021. Disponível em: [https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/16230/3/ARTIGO\\_EnsinoHist%C3%B3riaTemporalidade.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/16230/3/ARTIGO_EnsinoHist%C3%B3riaTemporalidade.pdf). Acesso em: 18 ago. 2023.

SARGENTINI, V., & CARVALHO, P. D. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das fake news. *In*: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.